CENÁRIO MACROECONÔMICO

PREPARADO PARA SEBRAE-SP

Fernando Sampaio, sócio-diretor

19/09/24

ECONOMIA INTERNACIONAL

Economia internacional: o que mudou desde julho?

- O combate ao salto da inflação provocado pela pandemia se aproxima – provavelmente – de um “final feliz” (pouso suave)
- Mas a incerteza política nos EUA e na Europa sinaliza dificuldades maiores para a economia brasileira

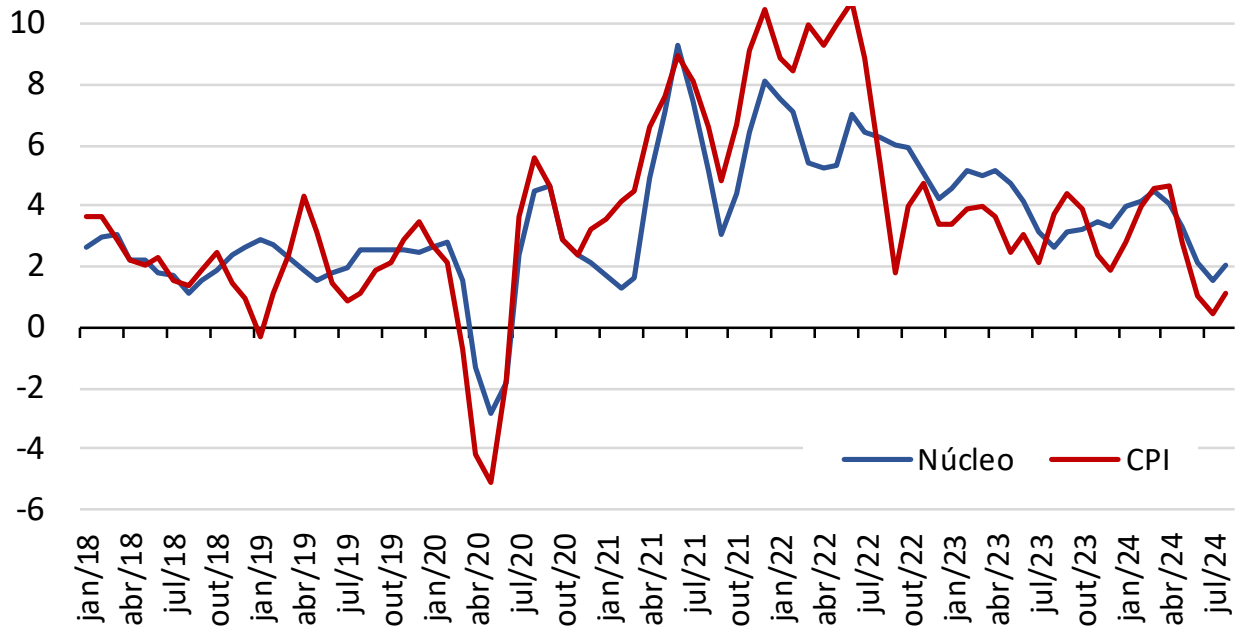
- O esforço para trazer a inflação de volta aos trilhos se aproximou mais de um “final feliz” (pouso suave): o FED enfim se dispõe a cortar juros
- Uma alta rápida do desemprego nos EUA gerou, em meados de agosto, receio de uma recessão começando – mas dados posteriores foram tranquilizadores
- O avanço de forças protecionistas e anti-agenda verde foi freado na Europa, mas não nos EUA
- Mais protecionismo e menos ênfase ambiental sinalizariam dificuldades maiores para a economia brasileira

Nos EUA, inflação rumando para a meta permite ao FED dar mais atenção ao mercado de trabalho

- Números mais brandos de inflação permitiram ao FED reduzir o foco no tema e reforçar a atenção ao mercado de trabalho
- O aumento rápido da taxa de desemprego em julho assustou, porque foi similar ao do início de recessões, mas os dados de agosto confirmaram que a tendência de alta da taxa se deve ao aumento do número de pessoas buscando ocupação

EUA, inflação ao consumidor (CPI)

Média móvel 3M da var. mensal anualizada (%). Fonte: BEA. Elab.: LCA.



EUA, taxa de desemprego

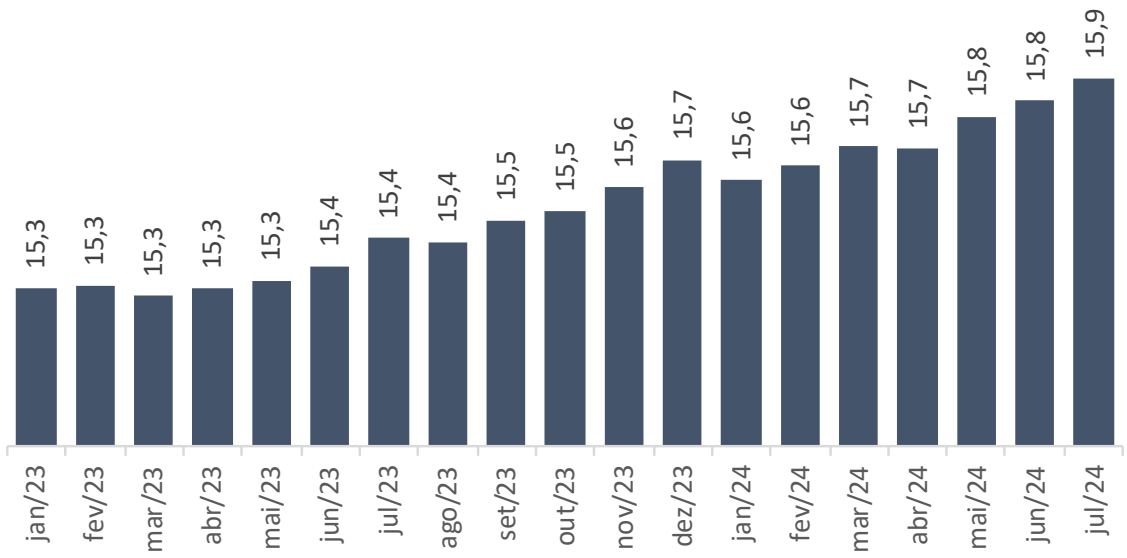
(%, dessazonalizada). Fonte: BLS. Elaboração: LCA.

EUA: atividade econômica enfim dá sinais de arrefecer

- Com o incipiente esfriamento no mercado de trabalho, os serviços e o consumo das famílias crescem mais devagar
- O esgotamento da poupança “extra” acumulada na pandemia reforça a perspectiva de desaceleração do PIB

EUA, PIB: evolução real do consumo das famílias

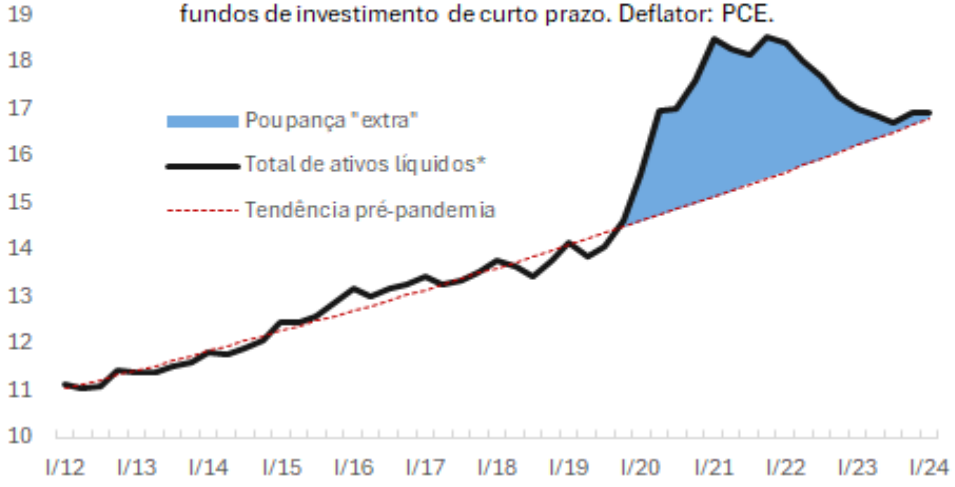
Em US$ trilhões, a preços reais de 2012, dessaz. Fonte: BEA. Elaboração: LCA.



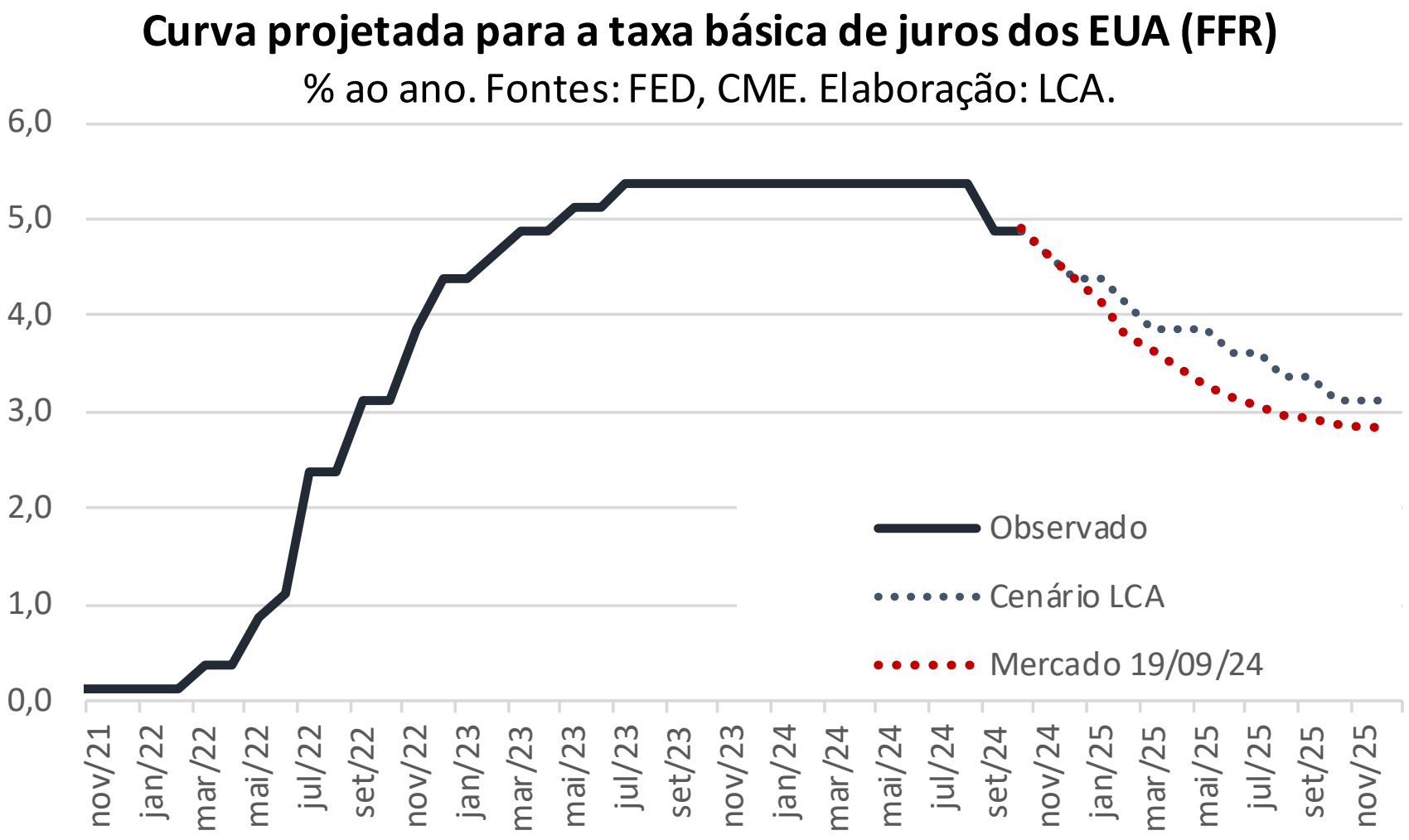
G5. EUA, estimativa de excesso de poupança das famílias

US$ trilhões constantes, a preços de 2023. Fonte: FED. Elaboração: LCA.

*Ativos líquidos = papel-moeda, depósitos à vista, depósitos em poupança e fundos de investimento de curto prazo. Deflator: PCE.

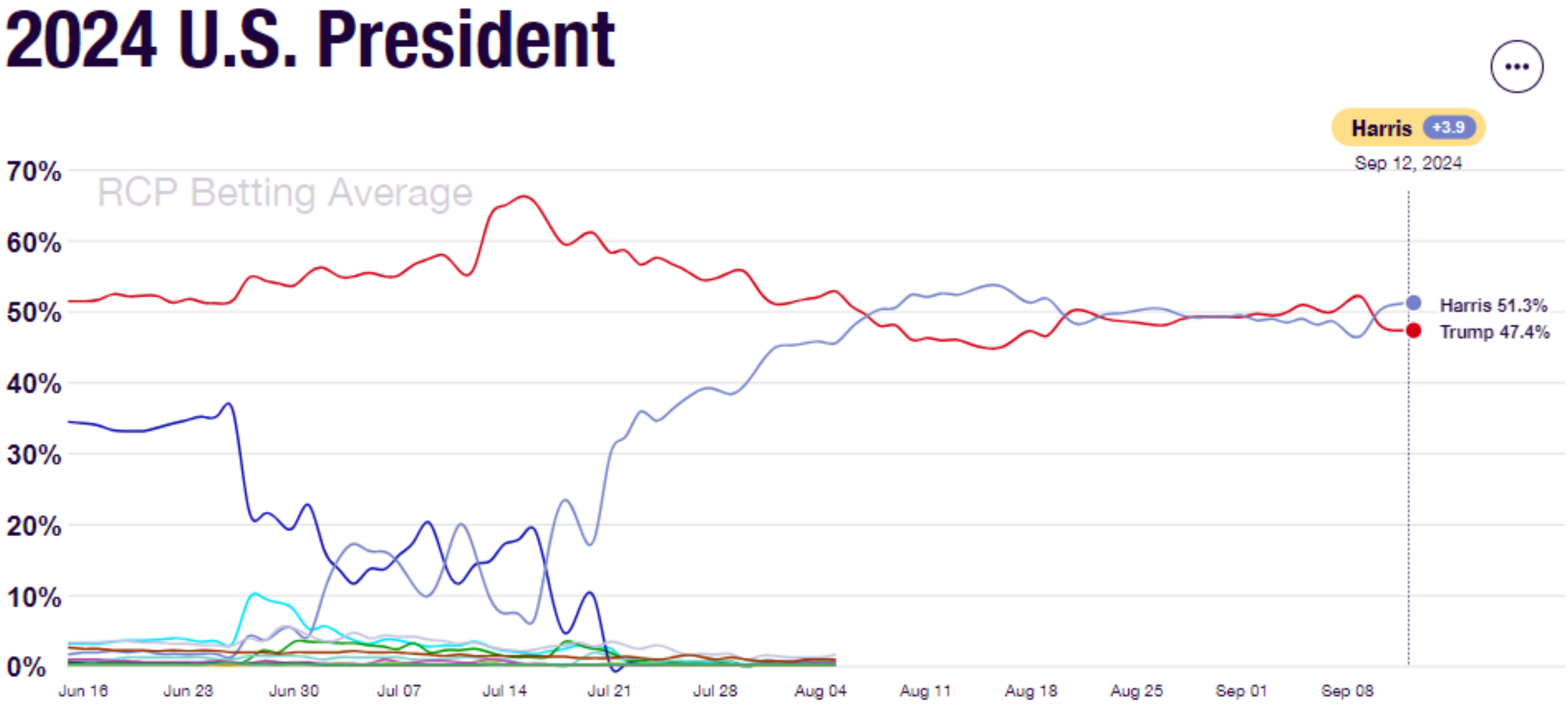


EUA: Banco Central (conhecido por FED) começou a cortar os juros



- Ontem o FED enfim deu início a um ciclo de cortes na sua taxa de juros básica, reduzindo-a em meio ponto porcentual. Esperamos cortes menores (de 0,25 p.p.) nas próximas duas reuniões do FOMC (o Copom dos EUA) e cortes mais espaçados ao longo de 2025, levando a taxa para perto de 3% (nível que se avalia nem acelerar nem desacelerar a inflação e a atividade econômica - o chamado nível neutro)
- **Isso facilitará um recuo da cotação do dólar no Brasil, porque os nossos juros (Selic) ficarão em termos relativos ainda mais altos, reforçando a atratividade para fluxos de capital financeiro.**

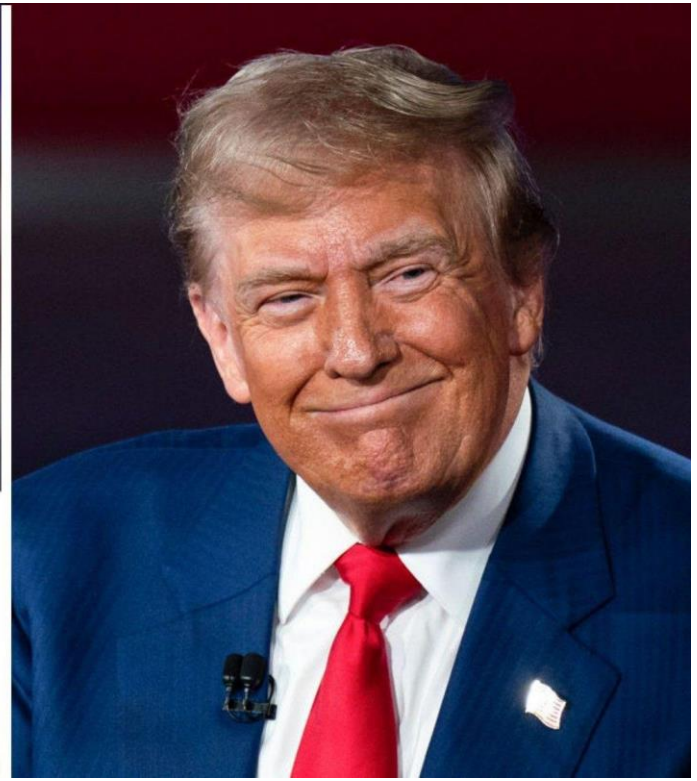
Eleição norte-americana: apostas parelhas



https://www.realclearpolling.com/betting-odds/2024/president

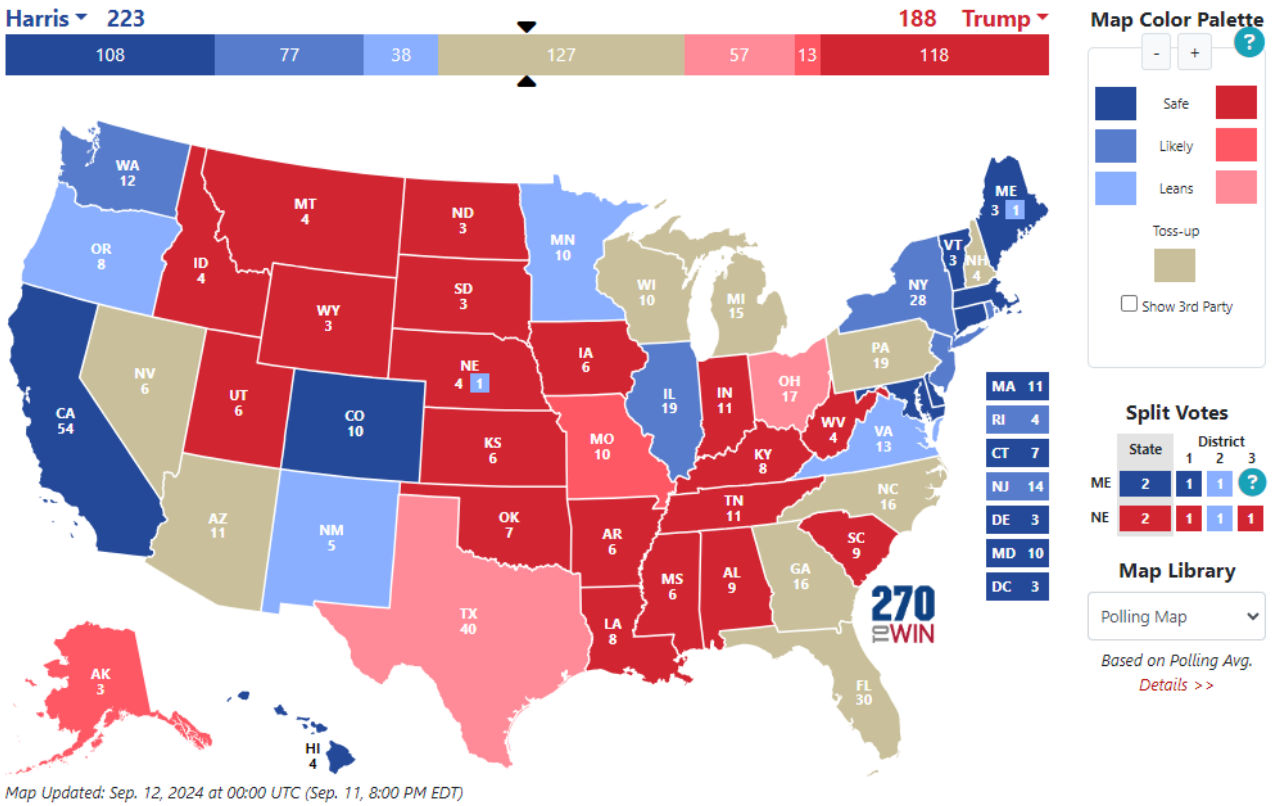
Eleição americana: voto facultativo, colégio eleitoral e disputa muito equilibrada

- Eleição indefinida desde que os Democratas trocaram Joe Biden por Kamala Harris
- Com o voto facultativo quem mobiliza mais seus simpatizantes tende a vencer
- Kamala animou mulheres, jovens, negros, latinos (que têm inclinação aos Democratas)
- Principal desafio de Harris é evitar a pecha de radical de esquerda que Trump tenta fixar
- Avaliação negativa da economia durante o governo Biden é um trunfo a favor de Trump



Eleição americana: voto facultativo, colégio eleitoral e disputa muito equilibrada

- No colégio eleitoral de 538 votos, os estados “azuis” somam 226 e os “vermelhos”, 219
- De novo a corrida deverá ser definida nos “swing states” (estados pêndulo), que somam 93 votos: Pensilvânia (19 votos), Carolina do Norte (16), Georgia (16), Michigan (15), Arizona (11), Wisconsin (10) e Nevada (6)
- A “cristalização” das preferências de ~90% dos eleitores limita o impacto de eventos de campanha (como debates) nas pesquisas
- Não se espera que depois do debate de 10/09 (em que as pesquisas apuraram vantagem para Kamala) vá haver outro debate



This map tracks a Harris-Trump electoral vote count for the 2024 presidential election based entirely on polls. In most cases where polling is not yet available or not recent, the margin associated with Biden-Trump polls, prior to the president's withdrawal is used. If that polling is also insufficient, recent history is considered.
States where the margin is <5% are shown as Toss-up. Leaning is <10%, Likely <15%. Safe is 15% or higher.
https://www.270towin.com/maps/harris-trump-2024-map-based-on-polls

Implicações para o Brasil: governo Trump traria mais riscos

- Tarifas mais altas, unilateralismo
- Restrições radicais à imigração
- Cortes de impostos corporativos
- Desvalorização e retrocesso da agenda verde (energia limpa, Clube de Paris...)

- Multilateralismo (sem reverter aumentos de tarifas já feitos)
- Restrições moderadas à imigração
- Aumento de impostos sobre mais ricos e corporações
- Maior ênfase na agenda verde

- Risco de inflação e juros mais altos nos EUA: pressão sobre o câmbio no Brasil
- Brasil é global trader, portanto multilateralista: agenda conflitante
- Menor valorização de “ativos verdes” (florestas, energia limpa...)
- Simpatia por projetos autocráticos

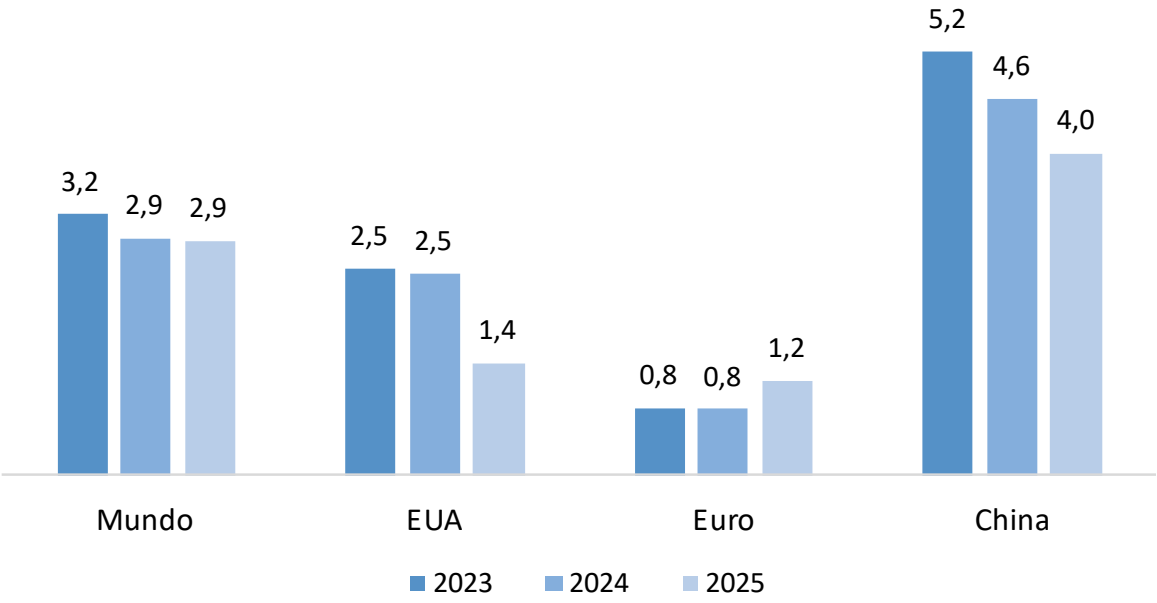
- Menor pressão sobre inflação e juros nos EUA (e câmbio no Brasil)
- Maior valorização de ativos verdes
- Menor risco de “desglobalização”
- Críticas a projetos autocráticos

Cenário base (65%): desaceleração moderada do PIB e inflação de volta aos trilhos em 2025

- Espera-se um "pouso suave" nos EUA: o FED traz a inflação de volta aos trilhos, sem causar recessão
  - Moderação da alta do PIB, finalmente, no 2S24 e em 2025
  - Isso ajuda no controle da inflação, inclusive porque a demanda menos dinâmica segura os preços das matérias primas (sobretudo energia e metais)
- Riscos ao pouso suave: cenário adverso (30%)
  - A inflação não cede e o FED mantém a taxa de juros alta, a ponto de provocar uma recessão
  - Tensões geopolíticas dificultam a redução da inflação (preços do petróleo; tarifas de importação mais altas)
- Implicações para o Brasil:
  - Pouso suave: melhores perspectivas graças à menor aversão ao risco global e à queda da taxa de juros dos EUA
  - Recessão: maior aversão ao risco contribuiria para dólar, inflação e juros mais altos e menos crescimento no Brasil

Projeções para o crescimento do PIB

% anual. Fontes diversas. Elaboração: LCA.



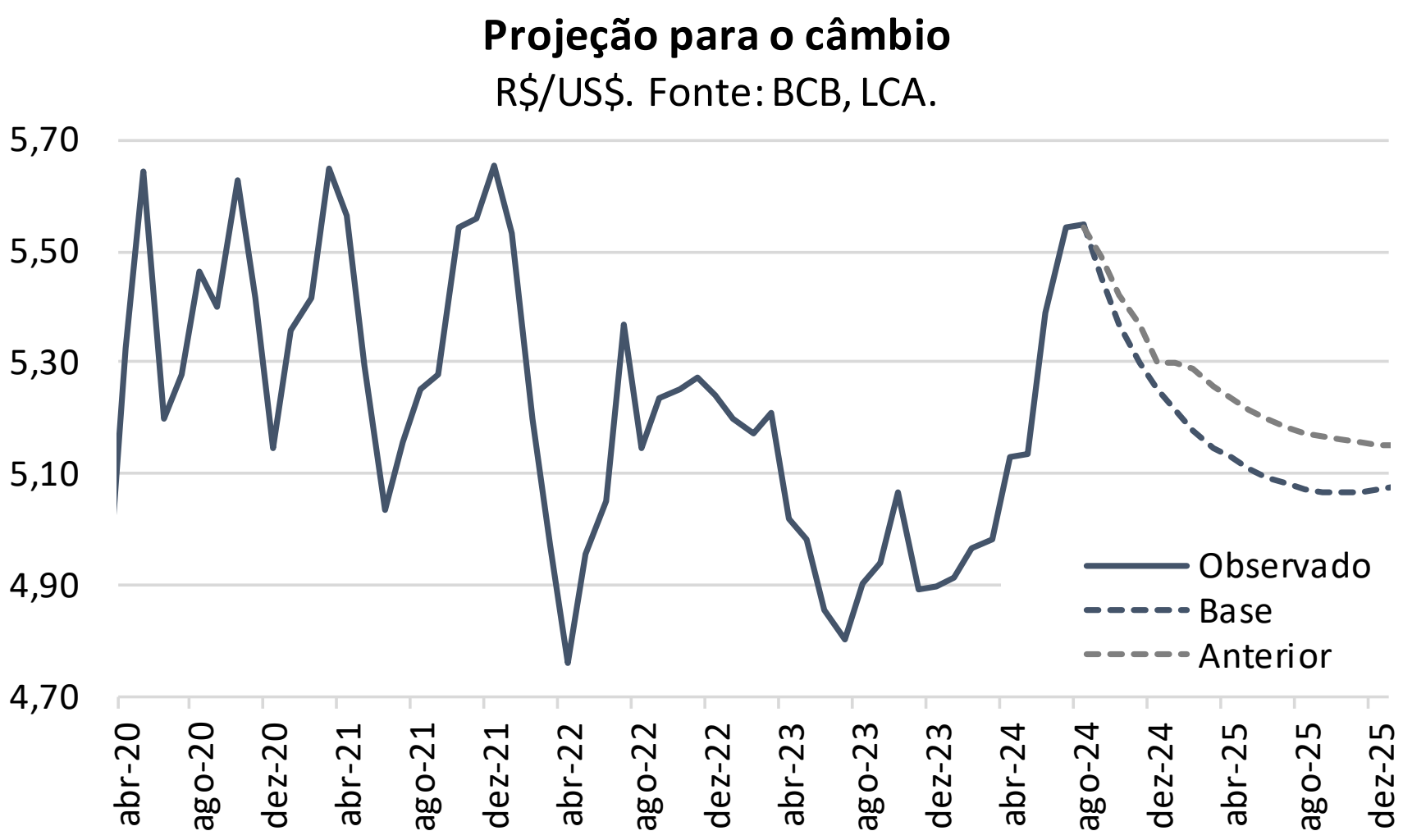
ECONOMIA BRASILEIRA

Economia brasileira: o que mudou?

- A recente alta do dólar no Brasil não deve se reverter de forma rápida e completa – por isso o cenário econômico ficou mais difícil
- A perspectiva de crescimento mudou pouco, riscos externos e internos ainda a ameaçam
- A perspectiva para o consumo de bens não-duráveis (e, portanto, para muitos pequenos negócios) de hoje até o final de 2025 segue positiva, embora a alta deva ser mais modesta do que vinha sendo

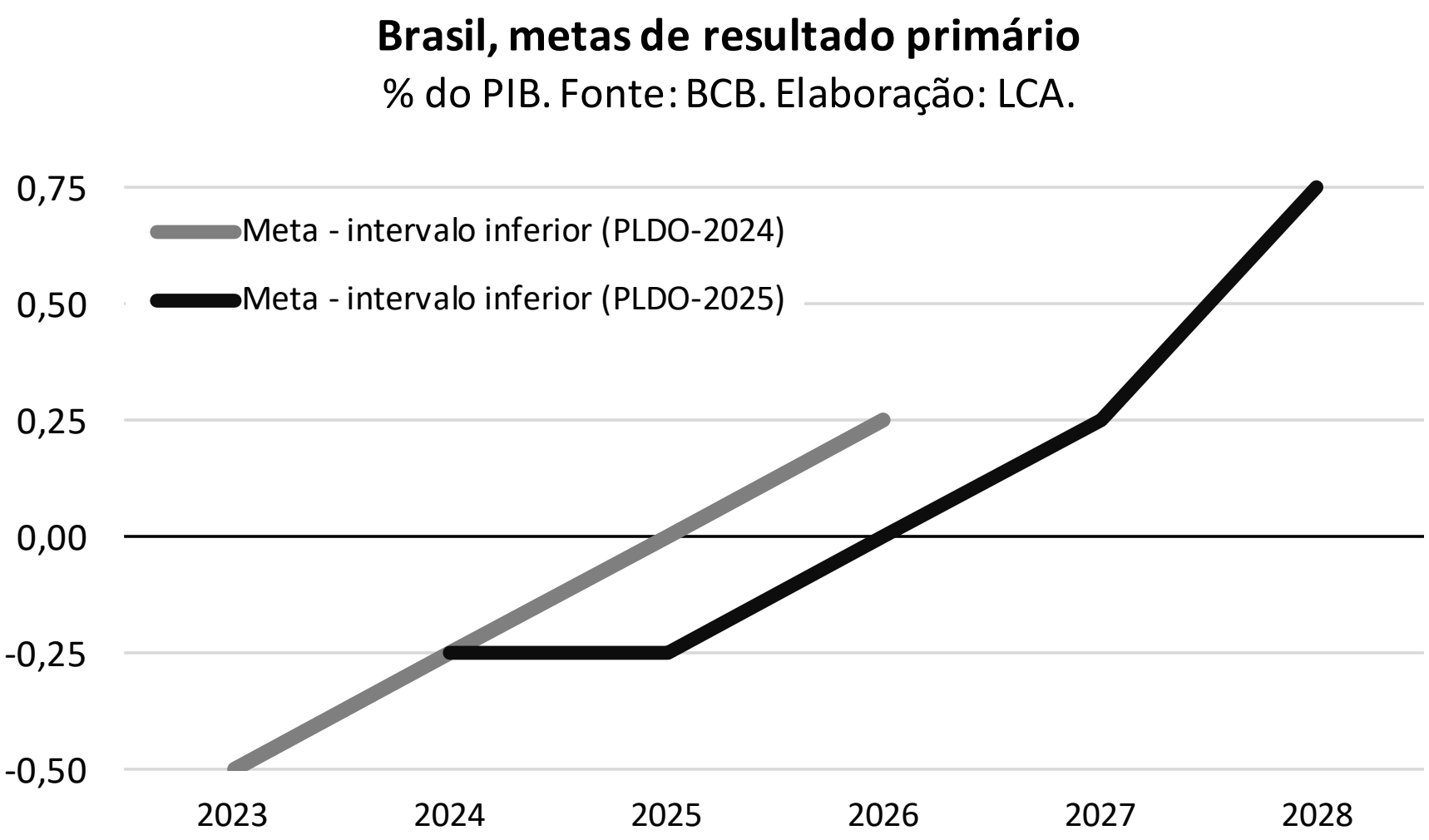
- A alta do dólar no Brasil de fato não está se revertendo depressa
- Dólar, mercado de trabalho e seca: alta da inflação e das expectativas
- O BC vai aumentar os juros moderadamente neste final de ano
- O PIB do 2T24 surpreendeu para cima, mas o aumento de juros renova a perspectiva de redução de ritmo no 2S24 e em 2025
- A perspectiva para os não-duráveis até o final de 2025 segue positiva, mas menos do que em 2024
- Riscos externos e internos persistem

Câmbio: alta é a maior surpresa dos últimos meses, e o principal fator para mudanças em projeções



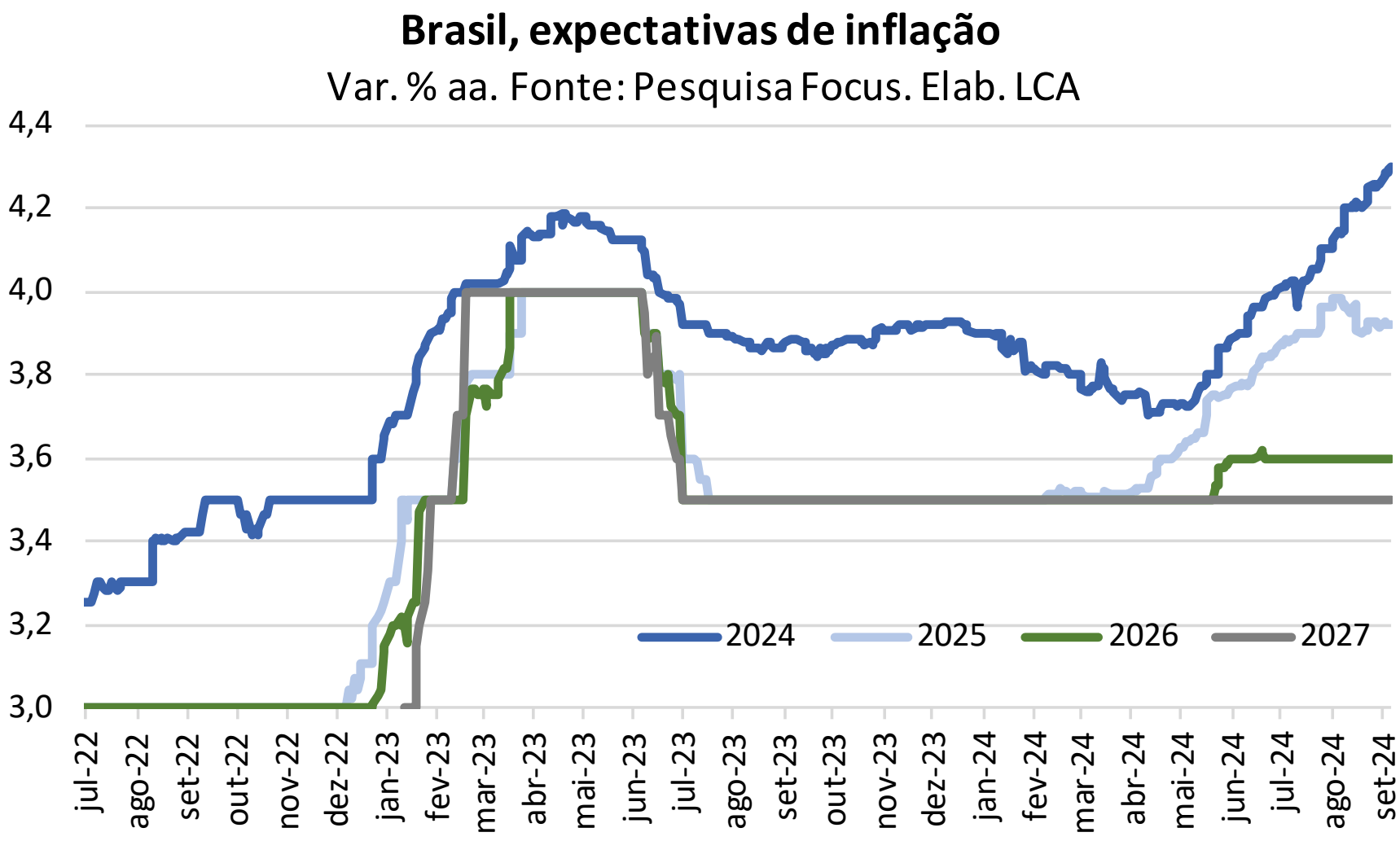
- Favorecem uma cotação mais alta do dólar:
  - Incerteza externa (dólar subiu em todos emergentes)
  - **Aumento da incerteza em relação a resultados fiscais e juros no Brasil**
- Favorecem uma cotação mais baixa do dólar:
  - Brasil segue com reservas internacionais e saldo comercial muito altos
  - Cortes nas taxas de juros dos EUA (menor incerteza externa)
  - Menor incerteza sobre a política econômica no Brasil

Contas públicas: perspectivas pioraram



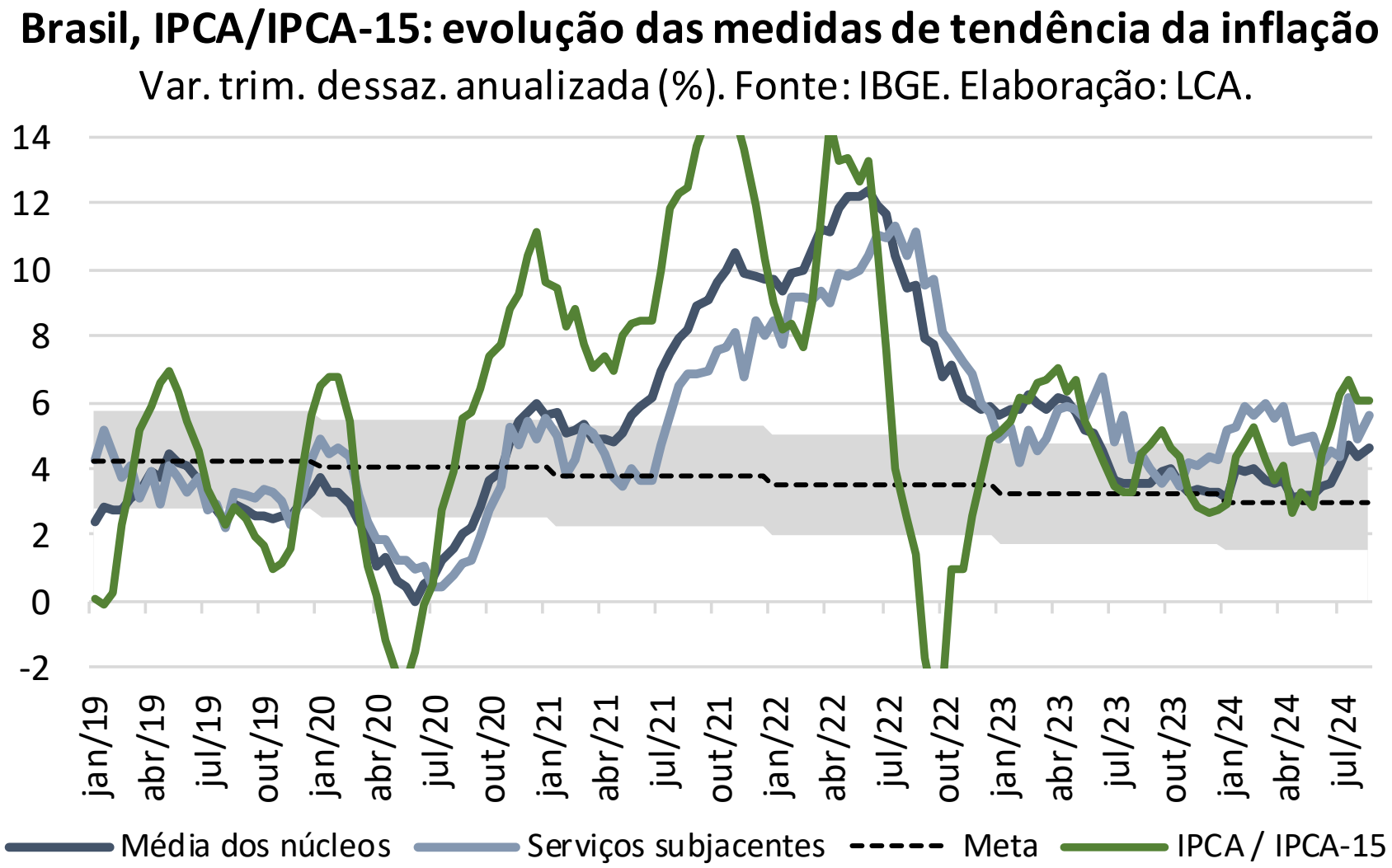
- O desgaste da credibilidade está ligado à decisão do governo de, em abril, indicar um ajuste ainda mais gradual
- A decisão reflete as dificuldades políticas para cortar gastos e aprovar medidas de aumento perene de receitas
- Nos últimos meses o governo mostrou maior disposição de limitar gastos, reconquistando parte da credibilidade

Além da situação difícil das contas públicas, as expectativas de inflação preocupam o Banco Central,...



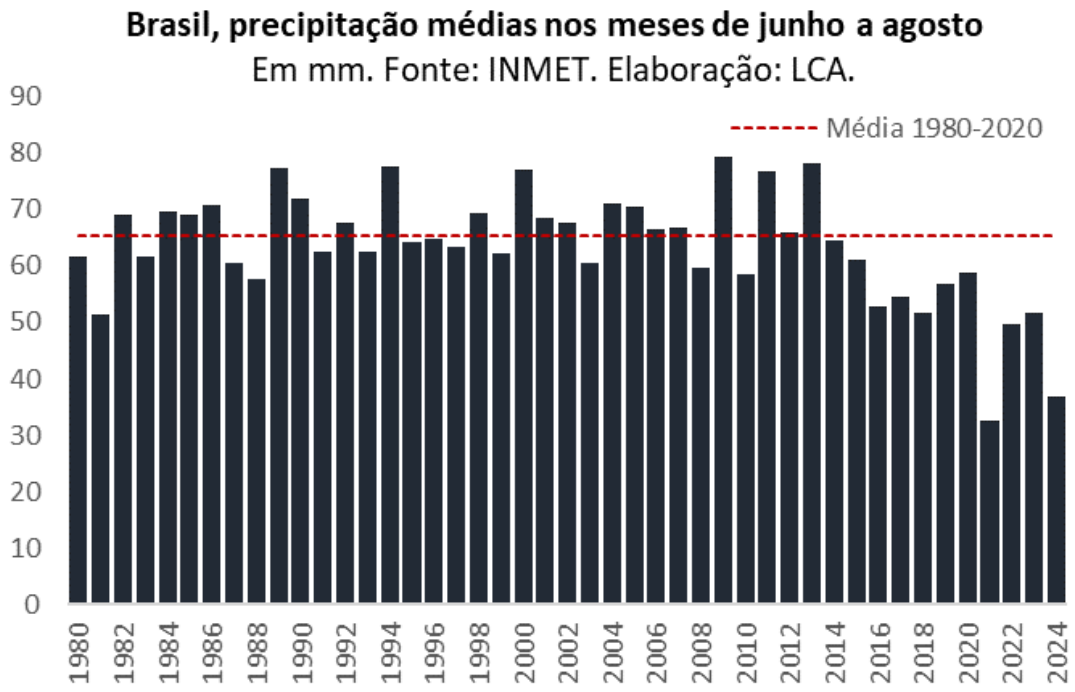
- Ao cortar juros de forma gradual de agosto/23 a maio/24 o Banco Central (BC) foi pisando no freio com menos força – mas não chegou a pisar no acelerador
- O aumento das expectativas de inflação, ligado à alta do dólar, é um dos fatores que levaram o BC a interromper os cortes em maio e a voltar a elevar os juros agora em setembro

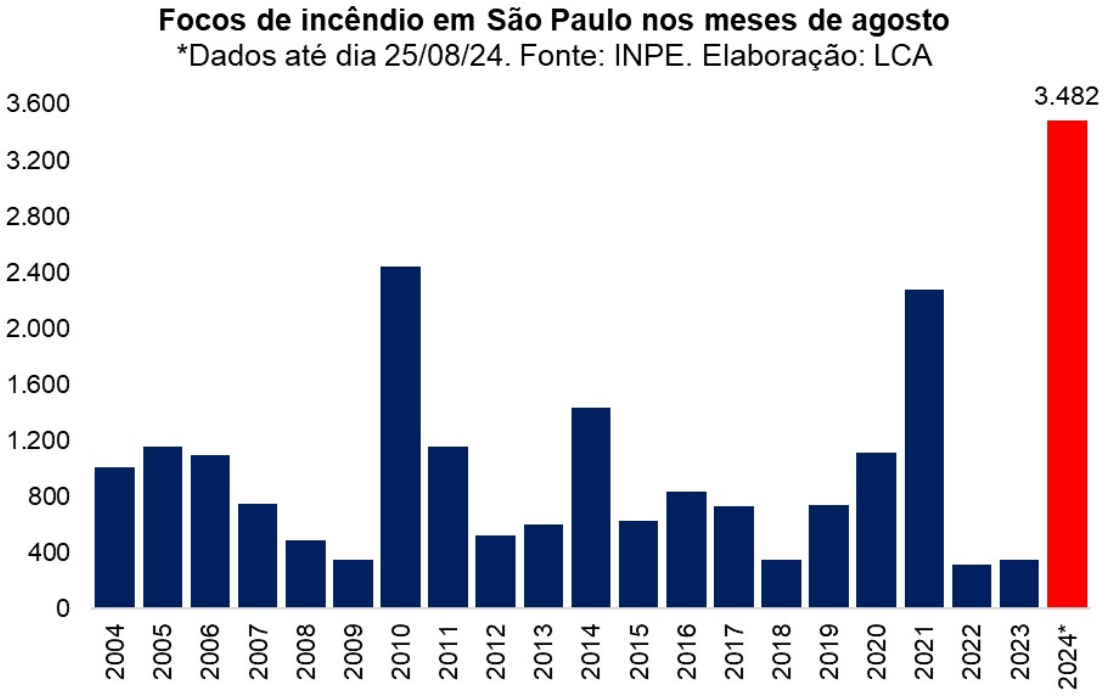
...assim como a inflação no varejo, que ameaça passar do teto da meta



- Para combater a perda de credibilidade (criada por falhas de comunicação), o BC tem sinalizado que não está confortável com a inflação bem acima da meta (3%)
- Nas últimas leituras, tanto o índice cheio como a média dos núcleos e o núcleo de serviços têm ficado acima do teto da meta (4,5%)

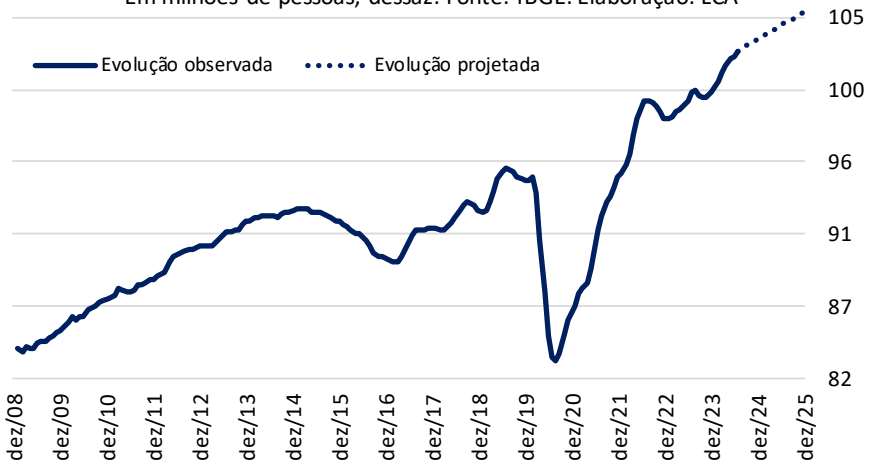
Riscos para a inflação: seca já pressiona preços de alimentos e energia



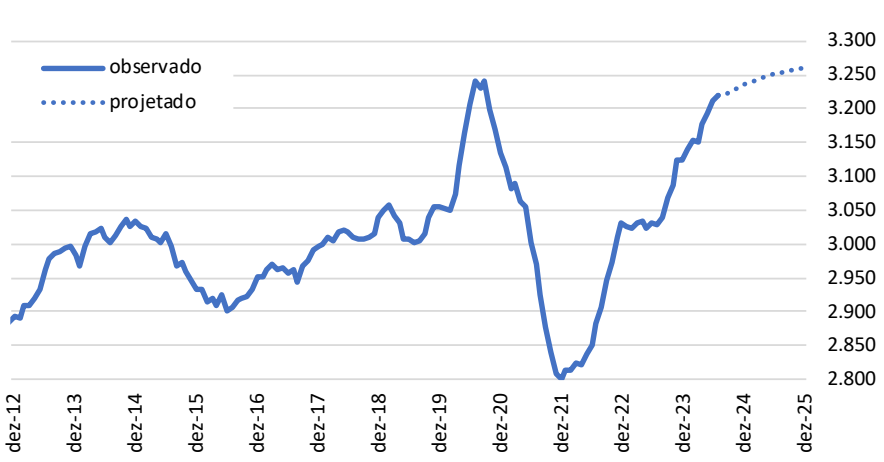


O BC também se preocupa com o aquecimento do mercado de trabalho (que deve arrefecer)

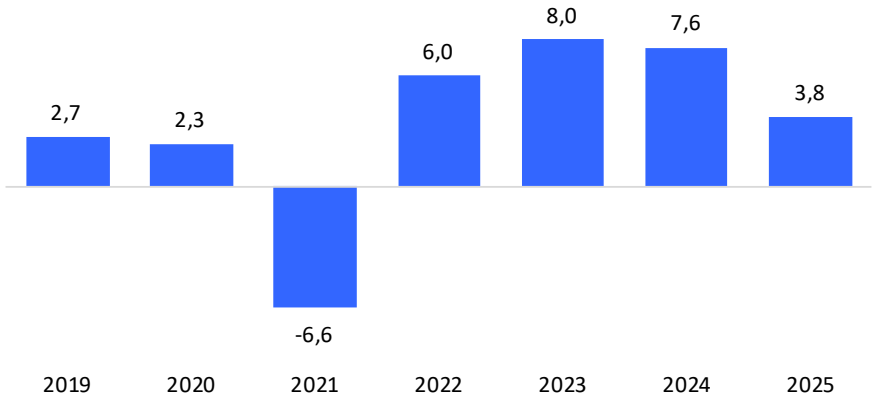
População Ocupada
Em milhões de pessoas, dessaz. Fonte: IBGE. Elaboração: LCA



Rendimento habitual médio real
R$, a preços de jul/24. Fonte: IBGE. Elab: LCA



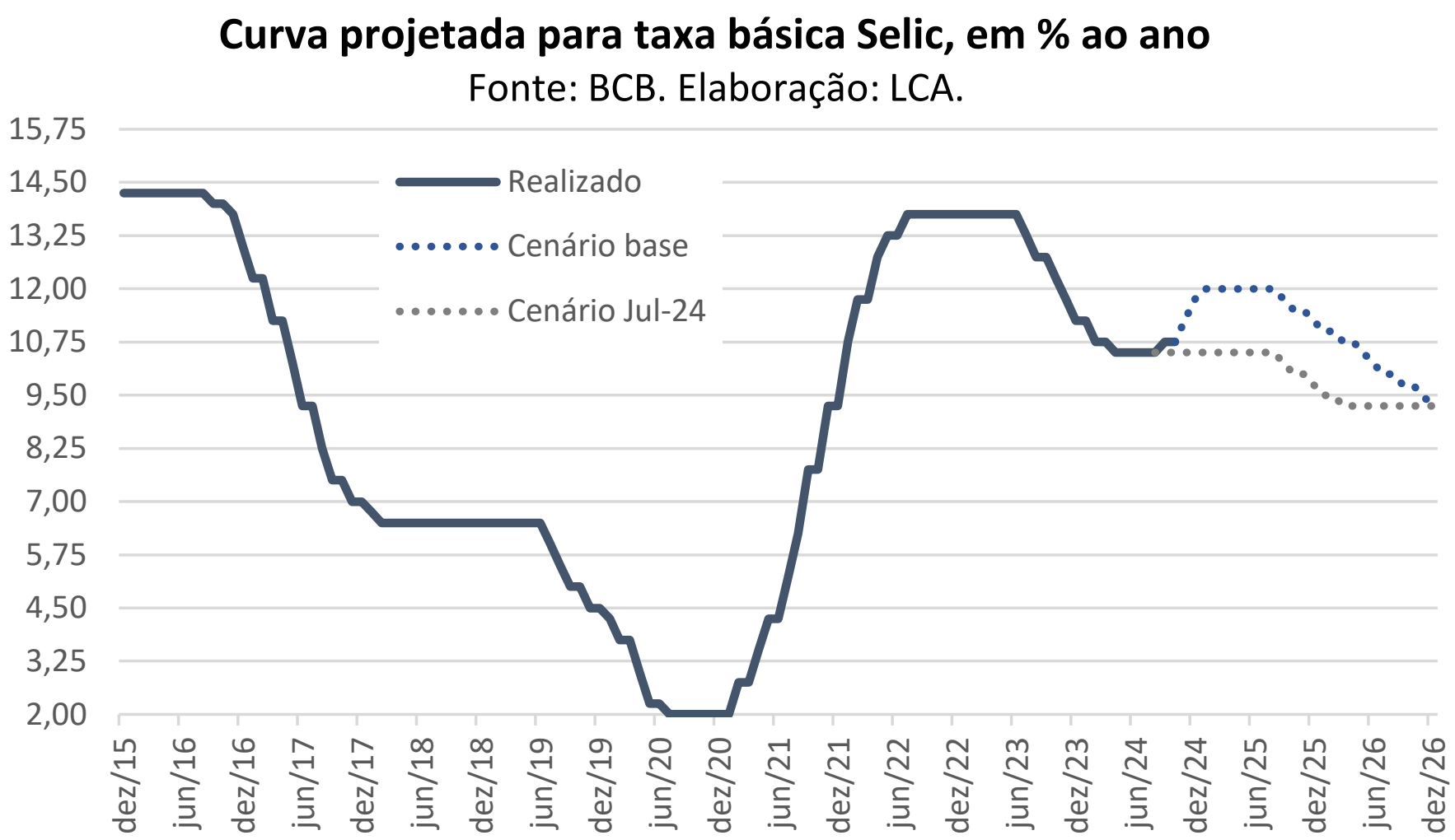
Brasil, variação da massa de renda real*
Var. média anual (%). Fontes: IBGE, MTE, CEF. Elaboração: LCA



* Ocupação, Benefícios Previdenciários e Transferências (Bolsa Família / Aux. Brasil / Aux. Emergencial)

- Emprego segue em alta
- Taxa de desemprego continua a cair
- Rendimento segue em alta (aumento do mínimo ajuda)
- Transferências aos pobres (Auxílio BR/Bolsa Família) mantêm valor alto de 2023
- **Para 2025 espera-se crescimento menor da massa de renda total**
- **Para as MPE, esse é um cenário moderadamente positivo (depois de um 2024 muito favorável)**

Esses fatores levaram o BC a iniciar uma sequência de moderados aumentos da Selic



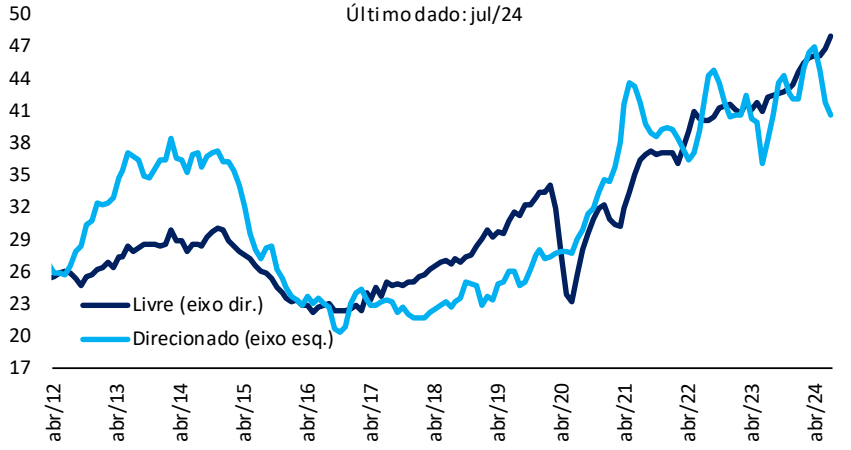
- O aumento de juros não deverá ser forte, pois:
  - Antes do aumento recente o nível da taxa de juros já era restritivo
  - Alguns dos vetores que vêm impulsionando a atividade econômica, sobretudo o “empurrão” fiscal, deverão começar a perder intensidade
  - A esperada queda do dólar ajudará a segurar a inflação

A melhora do mercado de crédito para as PF deve prosseguir, porém bem mais lenta

Concessões de crédito às famílias

R$ bi a preços do último mês. MM3M, dessaz. Fonte: BCB. Elab: LCA.

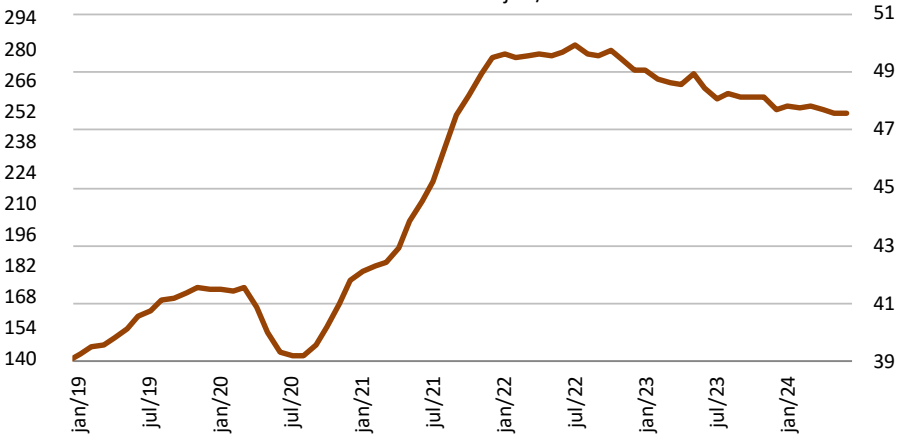
Último dado: jul/24



Nível de endividamento das famílias, com o SFN

Em % da renda ac. 12 meses, dessaz. Fonte: BCB. Elab: LCA.

Último dado: jun/24



Taxas de juros novas concessões com rec. livres, PF

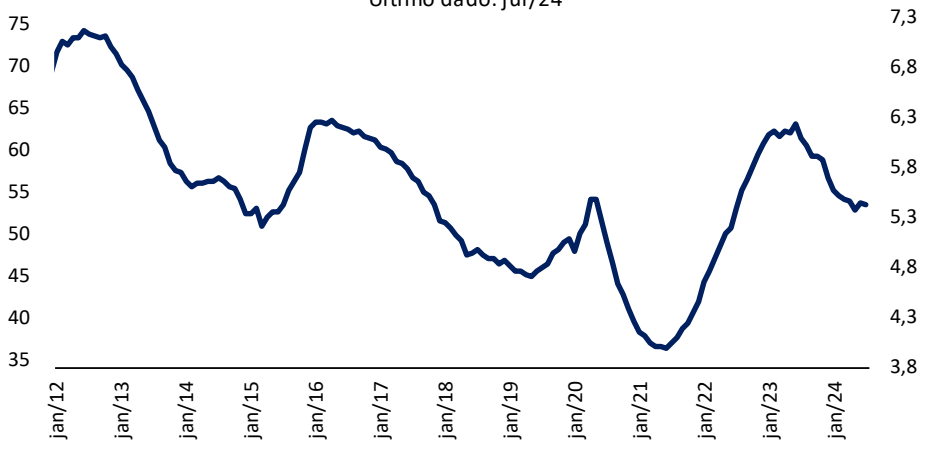
Em % aa. Fonte: BCB. Elab: LCA.

Último dado: jul/24

Inadimplência do crédito livre PF

Atrasos como % da carteira, dessaz. Fonte: BCB. Elab: LCA.

Último dado: jul/24



- Os novos empréstimos às famílias seguem crescendo
- As taxas de juros vêm se acomodando em nível mais baixo que o de 2022/23
- Inadimplência se estabiliza num nível moderado
- O endividamento está recuando lentamente
- **São fatores favoráveis ao consumo – logo, às MPE**
- **Mas a elevação da Selic deverá apertar as finanças de muitas MPE**

Projeção para a alta do PIB em 24 subiu, mas perspectivas não mudaram

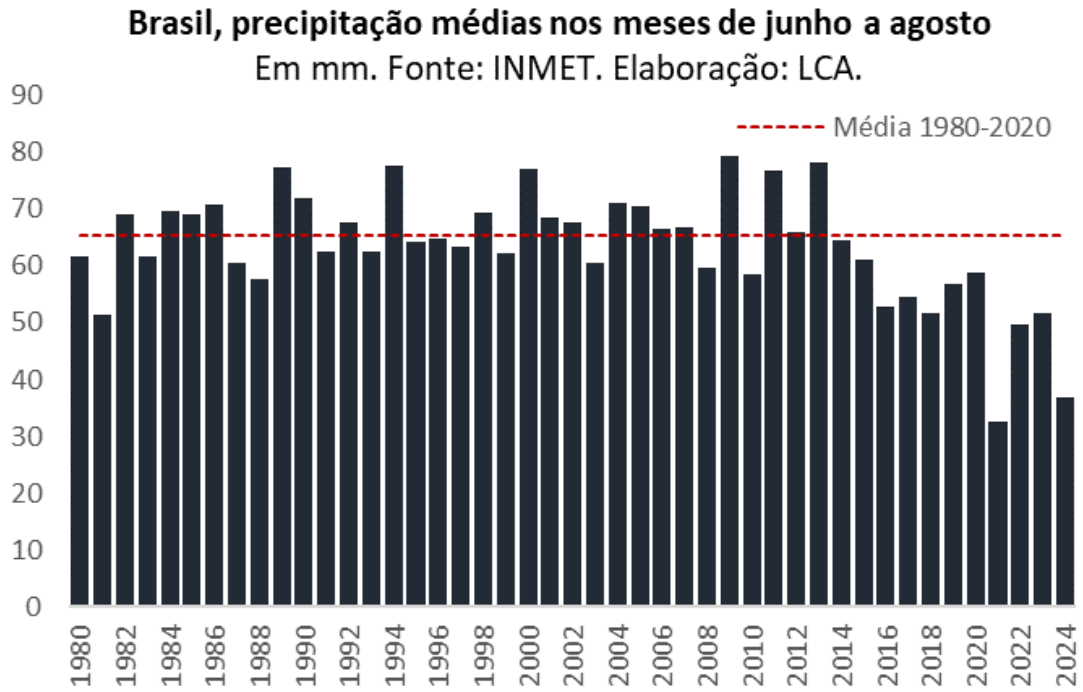
PIB	Var. % YoY			Diferença (p.p.)	
	2023	2024	2025	2024	2025
PIB a Preços de Mercado	**2,9**	**3,1**	**1,9**	**0,5**	**0,1**
Agropecuária - total	**15,1**	**-0,8**	**3,0**	**-0,5**	**0,0**
Indústria - total	**1,6**	**3,3**	**2,2**	**0,1**	**0,0**
Extrativa mineral	8,7	2,6	5,3	0,0	0,0
Transformação	-1,3	3,3	1,5	-0,1	0,0
Construção civil	-0,5	3,4	1,6	0,8	0,0
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	6,5	4,5	1,8	0,7	0,0
Serviços - total	**2,4**	**3,1**	**1,7**	**0,6**	**0,1**
Comércio	0,6	3,3	1,9	0,3	0,2
Transporte, armazenagem e correio	2,6	1,8	2,2	-0,1	0,6
Serviços de informação	2,6	4,6	1,8	0,7	0,0
Inter. financeira, seguros, prev. complementar e serv. relativos	6,6	3,1	1,8	1,9	0,1
Outros serviços	2,8	4,0	1,8	0,9	0,0
Atividades imobiliárias e aluguel	3,0	3,6	1,8	0,1	0,0
Administração, saúde e educação públicas	1,1	1,5	1,2	0,3	0,1
Consumo das famílias	**3,1**	**4,2**	**2,0**	**0,5**	**0,1**
Formação bruta de capital fixo	**-3,0**	**3,9**	**1,6**	**-0,1**	**0,0**

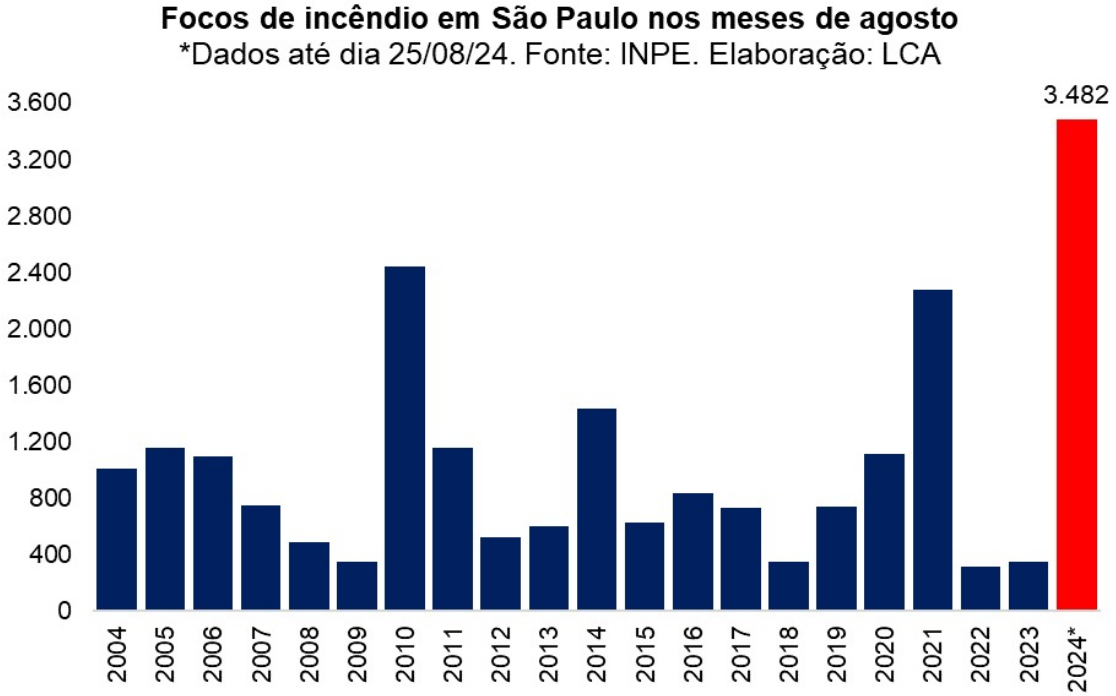
Fonte: IBGE. Projeções: LCA.

- Surpresas em 2024:
  - Altas da ocupação (sobretudo formal) e da renda real maiores do que se antevia
  - Os estímulos fiscais (precatórios, gasto de estados e municípios) estão tendo impacto maior do que o antecipado
- Para o 2S24 e 2025 continuamos a projetar uma desaceleração, ante uma moderação do impulso fiscal (passadas as eleições municipais), uma política monetária mais restritiva e uma moderada desaceleração global

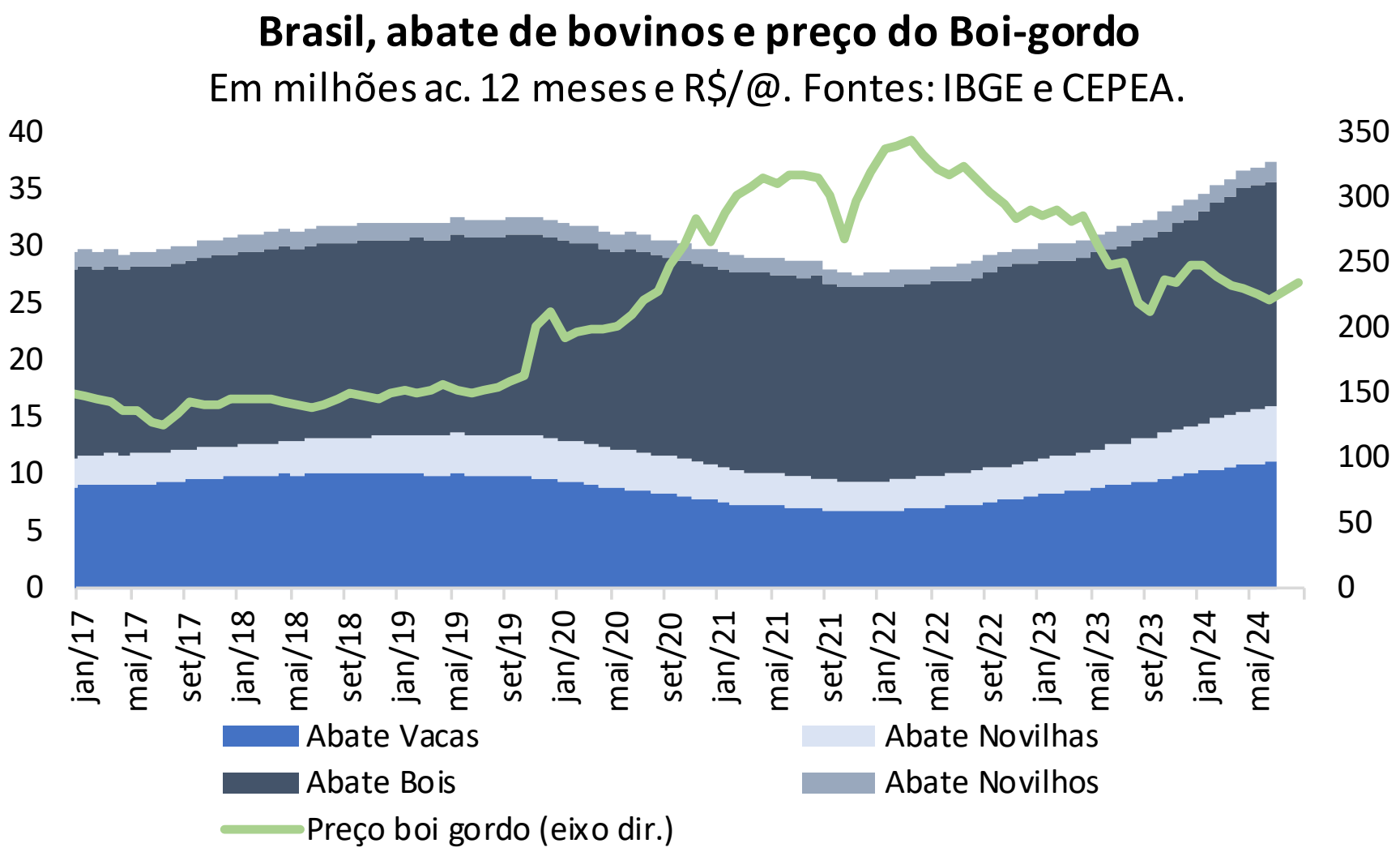
Agropecuária: de -0,8% em 2024 deve acelerar para 3% em 2025, mas a seca é um risco

- Safra de grãos:
  - Após quebra de safra em 24, há expectativa de safra recorde de soja em 2025 (desde que o La Niña seja moderado)
  - Riscos: (a) preços baixos em 2024 podem descapitalizar os produtores e gerar menos plantio, sobretudo de milho, para a próxima safra; e (b) seca pode levar a postergação de plantio da primeira safra, o que pode reduzir a 2º safra
- Cana-de-açúcar: preocupação com clima seco e queimadas (podem prejudicar próximo ciclo)





Agropecuária: de -0,8% em 2024 deve acelerar para 3% em 2025, mas a seca é um risco



- O ciclo do boi deve estabilizar ou mesmo reduzir a oferta de carne bovina em 2025
- (Quando a produção de bezerros cresce, seu preço cai, arrastando para baixo também o preço do boi gordo e ampliando o abate de fêmeas, pelo menor estímulo a nova gravidez. A partir disso, nascem menos bezerros e seu preço sobe. Daí aumentam a retenção de fêmeas e o preço do boi gordo)
- **O preço da carne bovina deve subir, o que ajudaria proteínas substitutas – aspecto relevante para muitas MPE**

Indústria: recuperação

- Após vários anos fracos, a indústria vem crescendo em 2024, graças sobretudo aos duráveis e a caminhões (novas normas ambientais levaram a péssimo desempenho em 2023)
- A utilização de capacidade e a confiança estão altas
- No 1S/24 açúcar e etanol ajudaram bastante, mas devem desacelerar no 2S24
- **A "taxa das blusinhas" deve ajudar o segmento de vestuário no 4T24 e em 2025**
- Em 2025 a indústria deve crescer menos. A venda de caminhões deverá se normalizar e os juros deverão desacelerar o crédito
- As novas fábricas de automóveis, chinesas, e a safra maior (indústria de alimentos), ajudarão

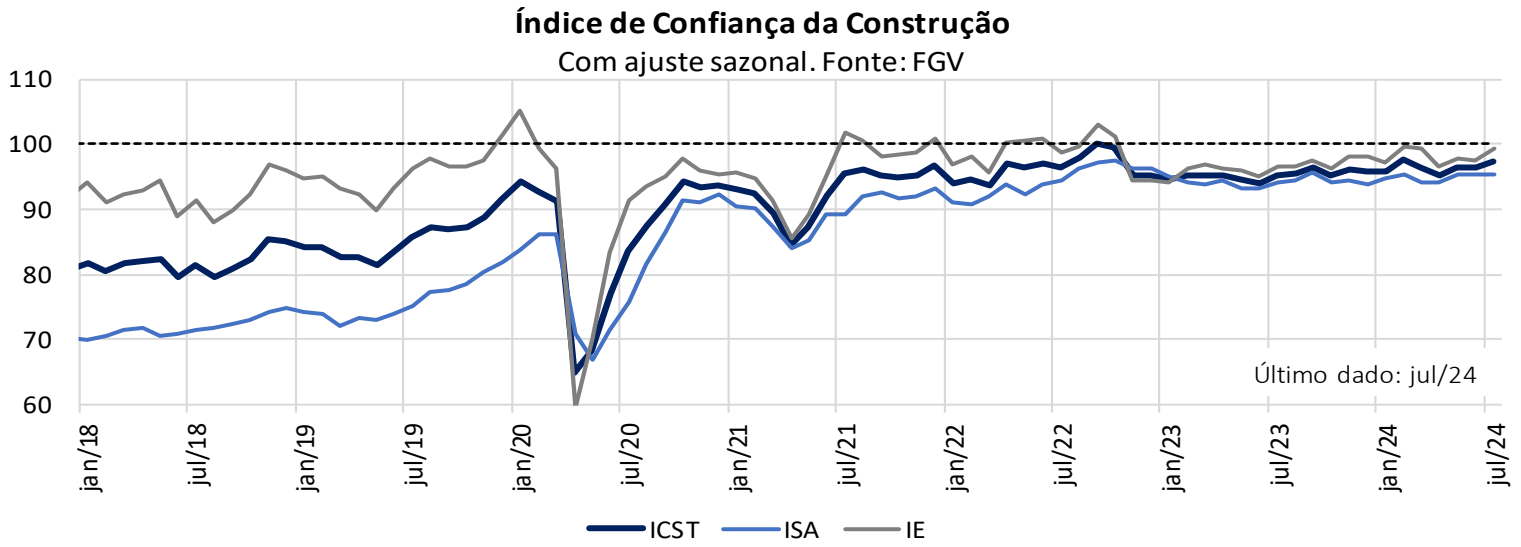
Produção industrial			
Var. % anual	**2023**	**2024**	**2025**
Indústria Geral	0,1	3,1	2,1
Indústria Extrativa	7,2	1,3	5,1
Indústria de Transformação	-1,1	3,5	1,5
Produtos têxteis	0,9	4,4	1,8
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-7,3	3,7	1,6
Artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-0,8	5,2	4,1
Móveis	-1,3	9,0	-0,5
Borracha e plástico	1,0	6,1	1,9

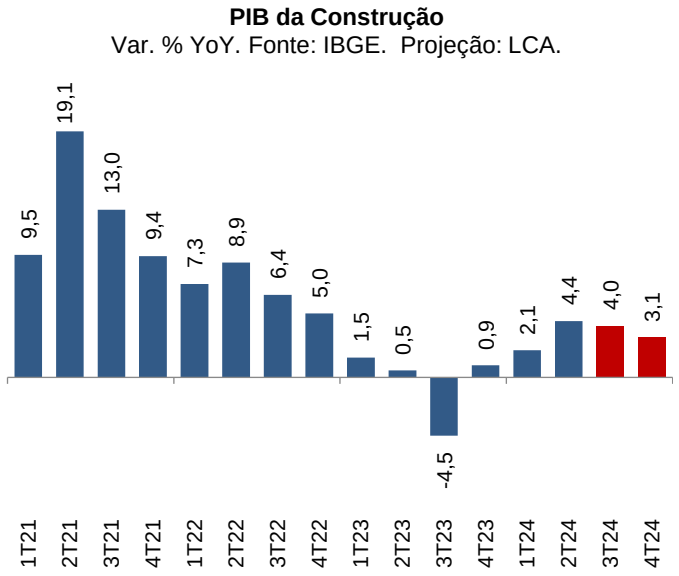
Inflação ao consumidor			
Var. % ac. 12m	**2023**	**2024**	**2025**
IPCA	4,6	4,4	4,0
Roupas	2,0	1,6	4,0
Calçados e acessórios	5,7	4,3	6,3
Jóias e bijuterias	1,5	8,8	5,9
Tecidos e armarinho	0,3	1,3	2,3
Mobiliário	3,0	3,0	3,5
Peças/Acessórios, Pneus e Óleo lubrif.	-1,8	-1,8	3,5

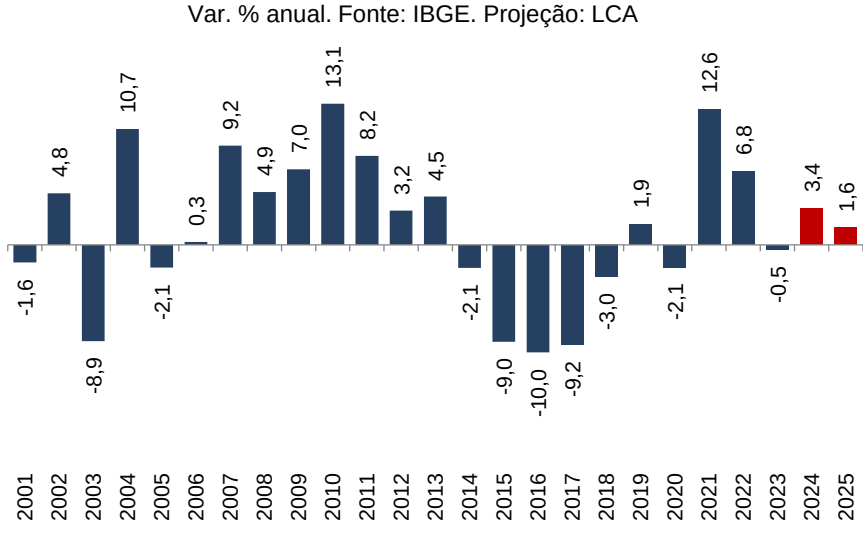
Inflação no atacado			
Var. % ac. 12m	**2023**	**2024**	**2025**
Produtos industriais	-3,0	2,2	3,0
Indústria Extrativa	15,2	-16,9	4,2
Indústria de transformação	-5,1	4,8	2,9
Produtos têxteis	-5,2	2,8	3,4
Artigos do vestuário	2,7	7,4	5,5
Couros, artigos para viagem e calçados	0,8	2,4	2,7
Artigos de borracha e de mat. plástico	-3,4	7,7	1,4
Móveis	1,2	4,8	3,0

Construção civil

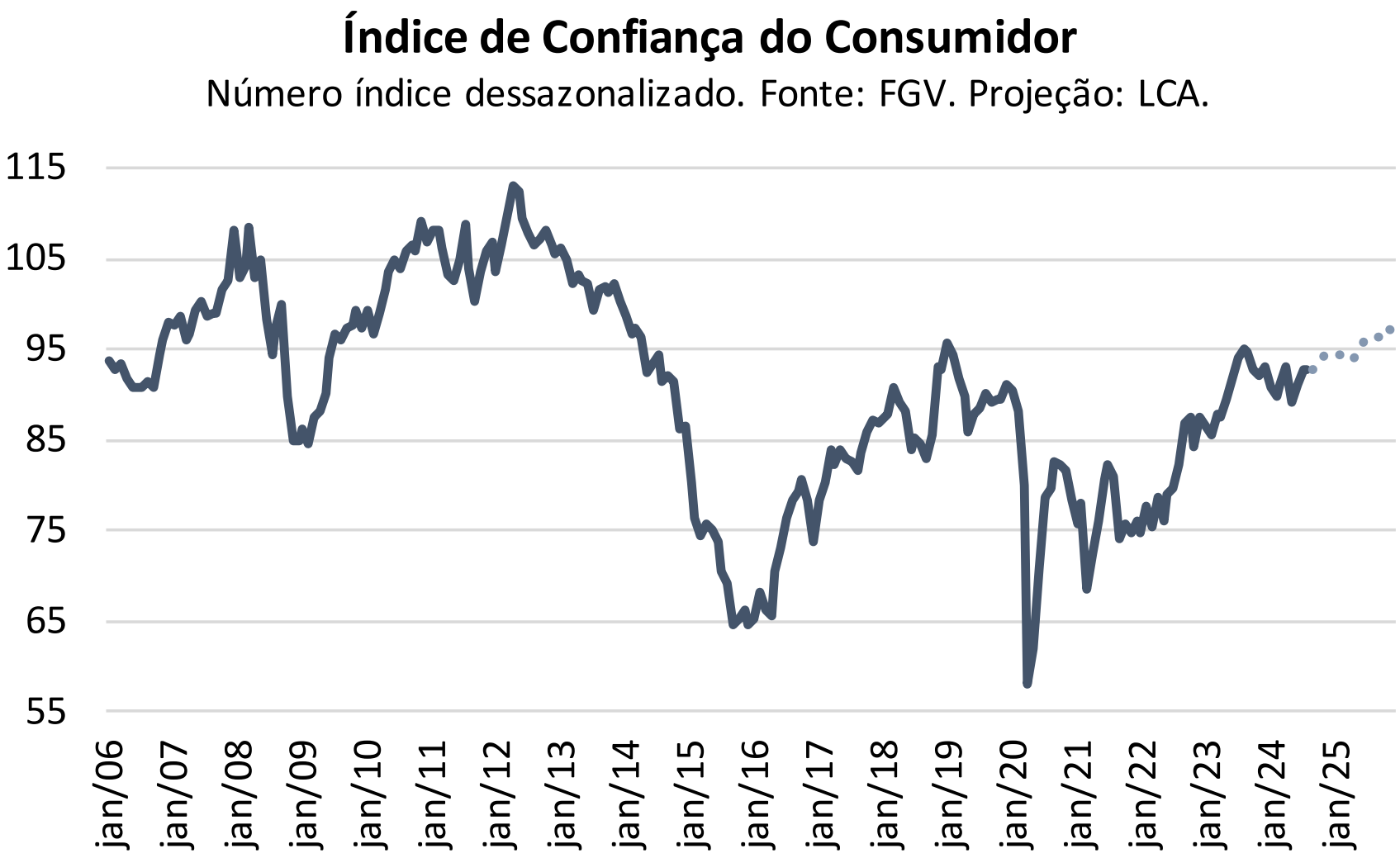
- Após forte expansão de 2005 a 2013, o setor passou por uma reestruturação entre 2014 e 2020. Após o baque inicial da pandemia, estoques mais ajustados e juros bem baixos trouxeram forte recuperação em 2021-22. Em 2023 houve pequena retração, devido aos juros mais elevados, mas em 2024 está ocorrendo uma retomada moderada
- 1S2024: concessões de crédito habitacional em alta. O recuo da taxa de juros (ainda que permaneça alta), o dinamismo do mercado de trabalho e o forte avanço do mercado imobiliário, puxado pelo programa Minha Casa, Minha Vida (MCMV), vêm contribuindo para o aumento dos financiamentos
- 1S24: no mercado imobiliário os lançamentos do MCMV mais do que compensaram a queda no segmento de médio e alto padrão, mantendo as vendas em alta
- A infraestrutura pesada atravessa boa recuperação nos últimos meses. Obras em ano eleitoral e o esforço de recuperação da infra no RS fortalecem a demanda
- Espera-se manutenção do dinamismo no 2S24, com alguma desaceleração em 2025, em razão dos juros mais elevados – porém, ainda com crescimento





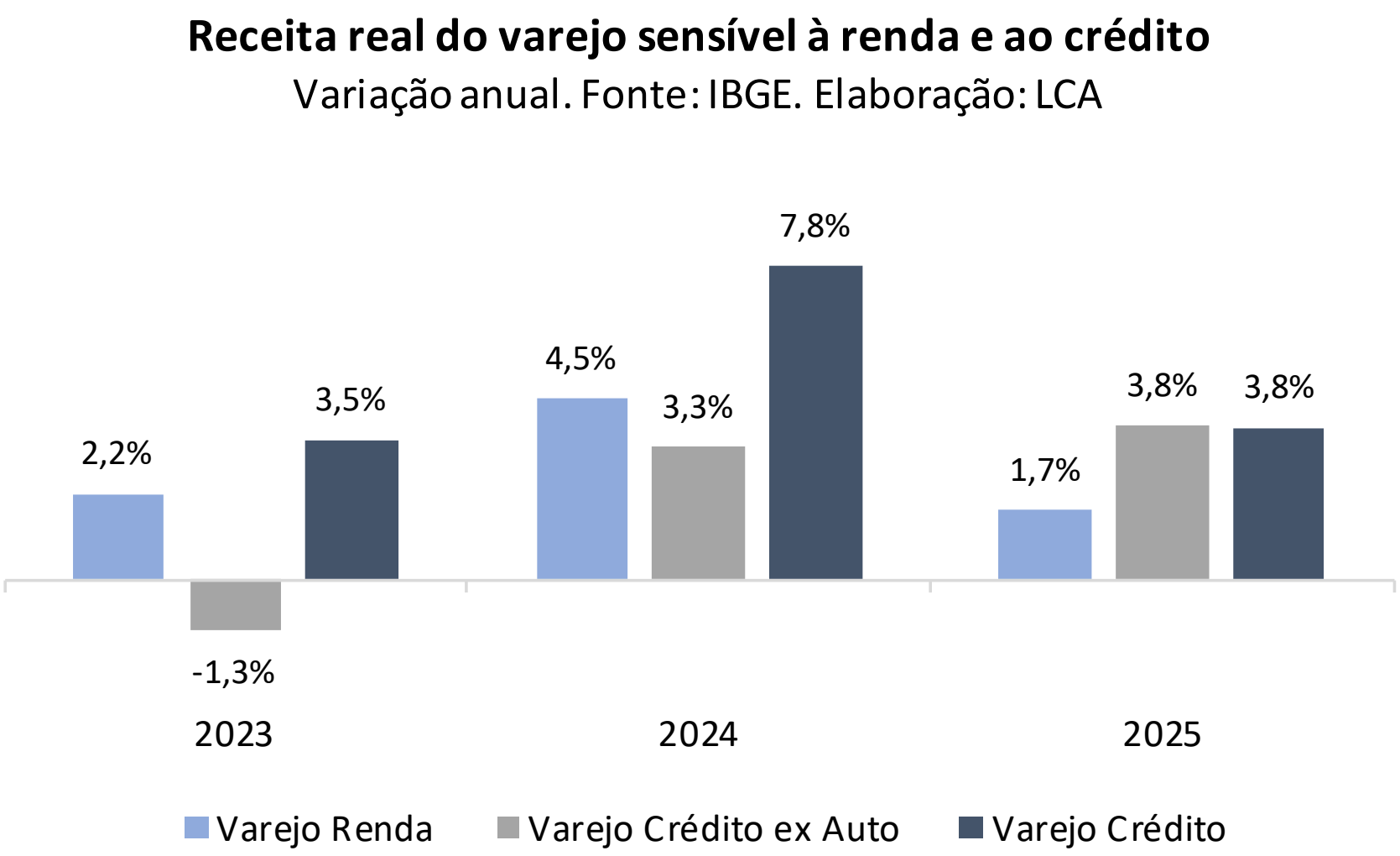


Comércio e serviços às famílias: confiança segue elevada



- A confiança do consumidor se recupera graças a:
  - recuperação do crédito, com endividamento e inadimplência em queda
  - alta da massa de renda, com melhor distribuição
  - inflação sob controle
- No 4T24 e no 1S25, apesar da elevação da Selic recém-iniciada, a confiança do consumidor deve seguir elevada, ante a inflação ainda sob controle e o mercado de trabalho robusto
- Esperamos nova alta da confiança no 2S25, com a ajuda de cortes de juros

Comércio: varejo de não-duráveis vai bem



- Os não-duráveis têm um 2024 excelente, graças à alta da massa de renda
- 2025: não-duráveis devem desacelerar, mas manter um ritmo razoável
- Duráveis, graças ao crédito e à reconstrução no RS, também têm tido ótimo desempenho em 24. Esperamos desaceleração em 25, mas taxas ainda bastante positivas

Comércio

- As vendas de não-duráveis (PMC Restrita) devem desacelerar já no 2S24, e de novo em 2025
- O varejo de alimentos deve puxar esse movimento
- **Vestuário e calçados** e **móveis e eletrodomésticos**, devido ao crédito ainda em alta mais relevante e à reconstrução no RS, não devem desacelerar no 2S24, mas esses vetores de sustentação das vendas devem perder força em 2025
- **Material de construção** é um segmento que deve acelerar no 2S24 e sustentar ritmo forte em 2025

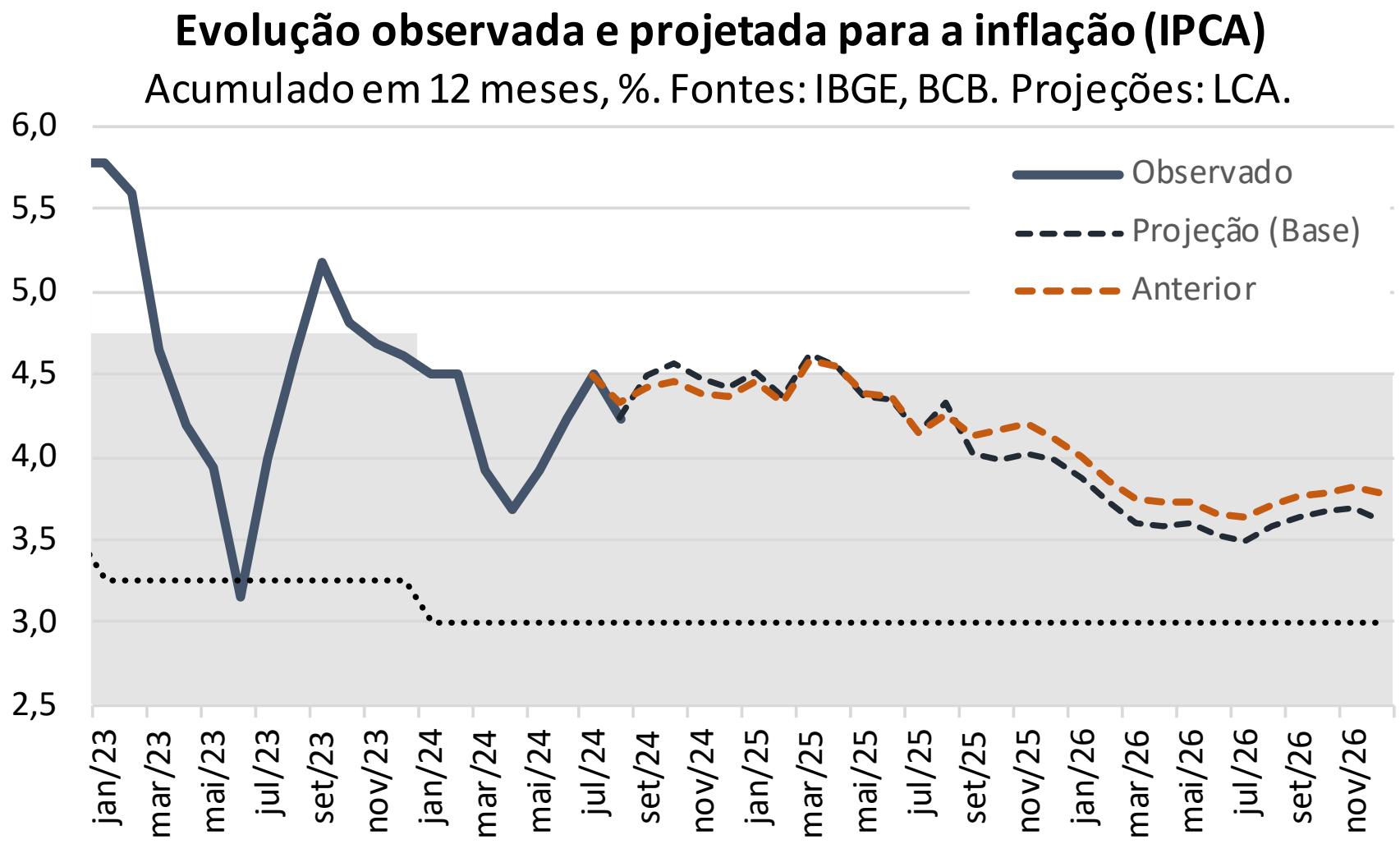
Comércio Varejista - Volume (PMC)			
Var. % anual	1S24	2S24(p)	2025 (p)
PMC Restrita	5,3	3,4	1,9
PMC Ampliada	4,3	4,5	2,5
Combustíveis e Lubrificantes	-1,9	-2,9	3,5
Hiper&Supermercados, Prod. Aliment., Bebidas e Fumo	6,0	3,4	1,9
Tecidos, Vestuário e Calçados	-0,4	5,8	2,3
Móveis e Eletrodomésticos	2,5	4,1	2,7
Art. Farm., Médicos, Perfumaria e Cosméticos	14,0	6,5	-0,8
Livros, Jornais, Revistas e Papelaria	-7,6	-3,7	2,4
Equip. Mat. para Escritório, Informática e Comunicação	3,1	0,2	3,1
Outros Artigos de Uso Pessoal e Doméstico	7,7	7,6	1,3
Veículos, Motos, Partes e Peças	12,2	11,5	3,8
Material de Construção	2,1	5,1	5,3
Atacado de Prod. Alimentícios, Bebidas e Fumo	-6,7	-0,3	1,9

Serviços

- O crescimento de 2,6% dos serviços em 2024 deriva do bom momento dos serviços prestados às famílias e empresas, a despeito da safra menor reduzir a demanda por transporte
- **Em 2025 os serviços prestados às famílias – os mais importantes para as MPE – deverão ser menos beneficiados pelo crédito e pela renda**
- Já os serviços prestados às empresas serão inibidos pelo aumento de juros. A esperada recuperação da safra deve alavancar os Transportes

	2023	2024	2025
Serviços - Volume (PMS)	2,4%	2,6%	2,6%
Serviços Prestados às Famílias	5,0%	3,2%	1,6%
Serviços de Informação e Comunicação	3,6%	6,3%	3,1%
Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares	3,7%	4,0%	2,7%
Transportes, Serviços Auxiliares aos Transportes e Correio	1,5%	-1,0%	2,7%
Outros Serviços	-1,8%	3,1%	1,5%

Inflação no varejo: dentro da meta, mas próxima do teto



- No curto prazo, a mudança de bandeira de energia elétrica e o aumento do imposto de cigarros devem levar a inflação anual a ultrapassar o teto da meta (4,5%) em alguns meses
- Mas o aumento de juros deve desacelerar a inflação em 2025 e 2026 (pelo seu efeito sobre a demanda, via crédito, sobre o mercado de trabalho e sobre a cotação do dólar)
- Matérias primas (sobretudo energia e metais) não devem atrapalhar

Economia brasileira: sumário de projeções

	2022	2023	Base (65%) 2024	Base (65%) 2025	Adverso (30%) 2024	Adverso (30%) 2025
PIB mundial, FMI (%)	3,5	3,2	2,9	2,9	2,7	1,9
R$/US$, final	5,22	4,84	5,25	5,07	6,00	6,25
Selic, final (% a.a.)	13,75	11,75	11,75	11,25	12,00	14,00
PIB (var.%)	3,0	2,9	3,1	1,9	2,7	0,5
Agropecuária	-1,1	15,1	-0,8	3,0	-1,1	1,5
Indústria	1,5	1,6	3,3	2,2	2,7	-0,2
Serviços	4,3	2,4	3,1	1,7	2,8	0,6
IGP-M (var. %)	5,5	-3,2	4,0	3,2	6,1	9,3
IPCA (var. %)	5,8	4,6	4,4	4,0	4,9	7,1

Fontes: diversas. Elaboração: LCA.

Base

- Cenário internacional:
  - Geopolítica e clima não chegam a perturbar cadeias produtivas
  - Pouso suave; FFR recua de 5,5% para 3,25% no fim de 25
- Quadro político:
  - Esforço para cumprir meta fiscal preserva confiança no governo

Adverso

- Cenário internacional:
  - Recessão global, breve e moderada
- Quadro político:
  - Perda de credibilidade fiscal aumenta a aversão ao risco

Pequenos negócios: oportunidades e ameaças em 2024/25

Oportunidades

- Forte alta da renda dos consumidores (mercado de trabalho ainda aquecido, aumento do salário mínimo e das transferências)
- Desenrola ajuda a reduzir a inadimplência dos consumidores de baixa renda; cortes de juros propiciam melhora do mercado de crédito
- Retomada da indústria beneficia pequenas empresas prestadoras de serviços a outras empresas
- Consolidação marginal da volta ao trabalho presencial pode beneficiar serviços prestados às famílias (impulso cadente ao longo do ano)
- Taxa das blusinhas dá um respiro ao setor de vestuário, que se estende a 2025

- Crescimento ainda firme da renda das famílias, mas bem mais moderado do que em 2024
- Mercado de crédito para PF segue melhorando a despeito do aumento da Selic, embora a ritmo mais lento

2024

2025

Ameaças

- Eventual recessão mais forte nos países ricos pode turvar o ambiente econômico geral - pressionando o dólar, a inflação e os juros, e portanto prejudicando o consumo (sobretudo de duráveis)
- Uma grande frustração com os resultados das contas públicas também pioraria a confiança empresarial, com repercussões similares sobre o cenário (pressão sobre dólar, inflação, juros e consumo)
- O provável aperto moderado de juros pode fragilizar MPE mais expostas a esse risco

www.lcaconsultores.com.br

- Siga-nos nas redes sociais -